



Revista Geográfica de América Central

ISSN: 1011-484X

revgeo@una.cr

Universidad Nacional

Costa Rica

Melo Nogueira, Elizabete; da Silva, Geórgia Patrícia; Ghedin, Leila Márcia; Souto Maior, Emmanuely

ROTEIRO TURÍSTICO HISTÓRICO CULTURAL PARA A CIDADE DE BOA VISTA

Revista Geográfica de América Central, vol. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 1-14

Universidad Nacional

Heredia, Costa Rica

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451744820823>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

ROTEIRO TURÍSTICO HISTÓRICO CULTURAL PARA A CIDADE DE BOA VISTA

Elizabete Melo Nogueira¹
Geórgia Patrícia da Silva²
Leila Márcia Ghedin³
Emmanuelly Souto Maior⁴

Resumo

O objetivo deste trabalho consistiu em apresentar um roteiro turístico do patrimônio histórico-cultural da cidade de Boa Vista a fim de estimular o conhecimento e a valorização da história e da cultura do povo boavistense. Considerando que o patrimônio arquitetônico cultural ainda é pouco reconhecido pelos habitantes e consequentemente pouco visitado, faz-se necessário criar mecanismos para que este legado urbano seja mais bem usufruído pelo poder público, pelos profissionais (guias de turismo) e sociedade em geral, razão pela qual houve a motivação para elaborar este trabalho. Não obstante, a organização desse roteiro contribui para valorizar a história da região e influenciar a comunidade a conhecer, entender e, quem sabe, orgulhar-se de fazer parte dela. Para o desenvolvimento do roteiro realizaram-se pesquisas bibliográficas e documentais, utilizando também do Sistema de Informação Geográfica – SIG. Foram realizadas entrevistas com moradores antigos da cidade para relacionar os fatos históricos com a proposta do trabalho. Com isso, se identificou que o centro antigo de Boa Vista, primeiro núcleo urbano, possui diversas edificações de caráter histórico e cultural, sendo, portanto, um bom atrativo turístico para ser visitado.

Palavras-chave: roteiro turístico; patrimônio; centro histórico.

¹ Doutoranda em Turismo, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – IFRR. E-mail: betemnogueira@gmail.com

² Doutoranda em Políticas Públicas UFMA/IFRR. E-mail: geoufpe@yahoo.com.br

³ Mestre em Turismo, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – IFRR. E-mail: leilaghedin@gmail.com

⁴ Graduada em Tecnologia em Gestão de Turismo – IFRR. E-mail: mannu_brazil@yahoo.com.br

1. Introdução

O patrimônio histórico cultural das cidades é um instrumento à disposição do turismo, uma vez que as sociedades atuais passaram a valorizar mais a história e a cultura dos antepassados. No entanto, em Boa Vista, observa-se a pouca valorização da história e cultura local, na medida em que os monumentos históricos e os valores culturais da cidade são pouco conhecidos pelos residentes e principalmente pelos visitantes.

Conhecendo essa problemática é que se elaborou o roteiro turístico histórico cultural para a cidade de Boa Vista como alternativa de uso responsável do patrimônio cultural pelos profissionais de turismo (Guia de Turismo), residentes, professores e turistas. O foco principal são o centro histórico da cidade, suas principais construções arquitetônicas, a história local e as primeiras ruas e avenidas.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram utilizados pesquisas bibliográficas e documentais, registros da história oral, realização do percurso para marcação dos pontos com o GPS e elaboração do roteiro utilizando sistema de informação geográfica.

2. Patrimônio histórico cultural

Cidades e centros históricos estão sendo utilizados como um viés comercial, através de tematização. Estas destinações turísticas recebem denominações que as identificarão no mercado. Esses espaços estão sendo produzidos por setores econômicos, criando, dessa forma, ambientes para serem incessantemente consumidos pelo turismo.

Esse processo leva a criação do não-lugar Rodrigues (1999), da não-identidade Rodrigues (1999), pois não há um vínculo com o indivíduo, não se caracteriza como um espaço de produção humana, construído a partir da relação homem-espaço, através dos tempos. São espaços não identificáveis pelo indivíduo que ali vive, não produzem o sentimento de pertencimento, de identidade, já que são voltados para atender a lógica do mercado.

O espaço pode transformar-se em lugar, à medida que adquire personalidade, torna-se vivido. A percepção e o intelecto, por meio da experiência vivida e compartilhada, constroem o lugar

na subjetividade e na intersubjetividade. A percepção corporal e a própria consciência expressam o sentir além do próprio corpo. Assim o corpo extrapola o sentido físico, interagindo com os objetos e as pessoas com quem se relaciona. (RODRIGUES, 1999, p. 32).

A idéia restrita de que patrimônio histórico-cultural são edificações históricas, prédios, bairros, cidades e outros bens materiais protegidos para não serem substituídos por novas formas arquitetônicas. Atualmente, tem sido modificada e nela foram estabelecidas as manifestações culturais de um povo com suas lendas, festas, costumes e crenças.

Tudo que existe como elemento para o registro da memória individual e coletiva e que possa contribuir com a formação de sentimento de uma comunidade transmitindo emoções para aqueles que visitam, é considerado patrimônio histórico-cultural, que beneficia a atividade turística.

Segundo Martins (2003), o patrimônio imaterial⁵ como elemento de identidade favorece a atividade turística, pois estes costumes, estas formas culturais imateriais, revelam a cara do povo que o produz, e quando isto se torna muito forte, vira patrimônio da comunidade, da cidade, do país, da humanidade.

Um dos maiores atrativos turísticos são as manifestações culturais de um povo, suas festas, seus costumes, suas danças, suas histórias orais, as quais atraem a atenção de pessoas para conhecerem e desfrutarem um pouco mais do lugar. Além de atrair a atenção das pessoas, desperta o desejo de vivenciarem juntos os momentos com a própria comunidade, o que ocorre quando a população tem o conhecimento de seu potencial turístico e passa a explorá-lo, organizando-se em parcerias.

Percebe-se a partir de então que a exploração do patrimônio imaterial possibilitará o desenvolvimento do turismo local gerando emprego, e principalmente a valorização da arte, da cultura e da identidade local. De acordo com Martins (2003), patrimônio histórico-cultural é um conjunto de bens materiais e imateriais representativos da cultura de um grupo ou de uma sociedade.

⁵ Patrimônio cultural imaterial compõe-se pelas canções, crenças, celebrações, lendas, os saberes que passam de uma geração para outra, as manifestações cênicas, lúdicas e plásticas, lugares e espaços de convívio e dialetos. Para muitas pessoas, o patrimônio imaterial é uma fonte de identidade e carrega a sua própria história Castro (2006 apud Martins e Dias, 2010, p. 5)

Para entender melhor o que é patrimônio cultural, faz-se necessário ter o conhecimento do que é cultura. Cultura é o domínio de certos conhecimentos e habilidades que permitem a algumas pessoas compreender e usufruir de bens, ditos superiores, como obras de arte, literatura erudita, espetáculos teatrais etc.

O termo patrimônio remete à propriedade de algo que pode ser deixado como herança. Acrescentando a noção de cultura, conclui-se que ela é um produto herdado e transmitido de geração para geração. São as áreas preservadas pela sua importância histórica e pelas suas peculiaridades arquitetônicas que chamam a atenção dos turistas. Vale ressaltar que um dos aspectos importantes do patrimônio histórico-cultural é a conservação das tradições da população local.

Na visão de Portuguese (2004), o patrimônio refere-se às pessoas, às origens e à história de uma comunidade. Por esse motivo, acredita-se que a preservação e a organização do patrimônio podem transformá-lo em atrativo turístico, e para tal é necessário observar que nem todo patrimônio histórico-cultural tem recursos turísticos. A valorização da história, da cultura e dos marcos arquitetônicos pode transformar algumas cidades históricas em grandes polos com diversificados atrativos turísticos histórico-culturais.

Segundo Martins (2003), se do ponto de vista conceitual de cultura e patrimônio cultural percebe-se certa conotação democrática, isso se torna mais complexo quando se analisa a questão a partir das condições concretas da sociedade moderna, pois a desigualdade social reflete no desprezo que as políticas públicas no Brasil têm conferido aos bens culturais de segmentos subalternos da sociedade.

O patrimônio histórico-cultural tem fundamental importância para o desenvolvimento do turismo, pois ele tem o poder de revelar as identidades passadas como recipientes da história, das sensibilidades da alma, produzindo emoções a cada turista que busca conhecer um pouco mais sobre o povo que ali viveu.

O lugar é, em sua essência, produção humana, visto que se produz na relação entre espaço e sociedade, o que significa criação, estabelecimento de uma identidade entre comunidade e lugar, identidade essa que se dá por meio de formas e apropriação para vida. (CARLOS, 1996, p. 28).

Nesse processo, o patrimônio histórico-cultural, por si só, é um instrumento de promoção social, cultural e econômico, sendo bastante explorado pelo turismo. Conhecer lugares, desfrutar de apresentações de manifestações artísticas, saborear pratos típicos de cada região, participar de feiras com produtos locais são elementos que dizem respeito à sensibilidade das pessoas.

3. Turismo cultural e roteiro turístico

O turismo cultural está se desenvolvendo em todo o mundo, sendo realizado em cidades históricas ou locais com monumentos arquitetônicos com grande representatividade cultural. Além de diversão, os roteiros turísticos culturais agregam conhecimento e bagagem cultural para os turistas. Conhecer novas culturas, fatos históricos e locais importantes aumenta a experiência e a vivência cultural das pessoas.

É certo que o conceito de cultura é extremamente amplo. Entretanto, quando falamos de turismo cultural este obtém uma conotação restritiva. O termo turismo cultural designa uma modalidade de turismo cuja motivação do deslocamento se dá, segundo Andrade (1976), com o objetivo de encontros artísticos, científicos, de formação e de informação.

O turismo cultural se caracteriza por uma permanência prolongada e um contato mais “íntimo” com a comunidade, ocorrendo viagens menores e suplementares dentro da mesma localidade com o intuito de aprofundar-se na experiência cultural.

Segundo Ycarin (2002), o turismo cultural teve seu início no século XVI, quando a reforma protestante dissipou a aura santificada dos templos miraculosos para onde os peregrinos afluíam. Surgiu então o *Grand Tour*, que levava os turistas a alargarem seus conhecimentos.

os filhos dos nobres, burgueses e comerciantes ingleses deveriam completar os conhecimentos culturais adquiridos em seu país com a realização de uma grande viagem pelos países de maior fonte cultural do velho continente e conseguir, assim, a consideração cultural que a sociedade impunha na idade moderna. (BERMÚDEZ 1997 apud YCARIN, 2002, p. 31).

O propósito do *Grand Tour* era educacional, voltado para visitas históricas e lugares culturais, observando ainda maneiras e costumes das nações estrangeiras. O intento de um roteiro histórico cultural é justamente observar as maneiras e costumes

das pessoas que viveram no lugar o qual se torna um destino turístico a partir do momento que atrai pessoas, através de um roteiro cronológico, que guie estas pessoas aos locais exatos onde aconteceram os fatos históricos.

De acordo com Ignarra (2000), o turismo cultural engloba todos os aspectos das viagens pelos quais o turista conhece a vida e o pensamento da comunidade receptiva.

Nesse contexto, turismo cultural é a exploração dos conhecimentos, das artes e habilidades dos povos, é quando o turista se desloca de seu lugar de residência para usufruir dos conhecimentos de povos diferentes. A mescla de sentimentos e sensações transmite ao turista o prazer de compartilhar com a cultura de outrem.

3.1 Roteiro turístico

Roteiro turístico é a descrição pormenorizada do itinerário dos locais a serem visitados pelo turista. Nele estão contidos elementos do planejamento, gestão, promoção e comercialização turística dos serviços, tipos de equipamentos e outras informações importantes sobre as localidades que o compõe.

Na concepção de Boullón (2002), um roteiro pode ser importante por duas razões:

- a) Pelos pontos ou lugares que une, no caso de um roteiro histórico-cultural. Os lugares que o roteiro vai unir têm que estar em perfeita sintonia e cronologicamente corretos, para proporcionar ao turista um passeio agradável que ele possa desfrutar e ter o conhecimento dos fatos ocorridos em cada época.
- b) O roteiro por si só já é importante, pois sua função em um centro turístico é similar à desempenhada pelos corredores turísticos⁶. Na escala da totalidade do espaço turístico, ambos estruturam o conjunto.

Dependendo do tipo de roteiro a ser executado, o ideal é escolher as ruas que passem pelos melhores pontos da cidade a fim de que penetrem em um dos tantos bairros ou grandes áreas deterioradas as quais poluem visualmente o espaço, mostrando a vergonha de uma má administração. Ao escolher a melhor paisagem visual, o turista levará consigo uma imagem mais favorável do roteiro percorrido.

A sensibilização das autoridades municipais para que sejam valorizados os espaços turísticos que serão utilizados no roteiro é essencial. Através desta valorização,

⁶ Corredores turísticos são vias de inter-relação entre várias áreas turísticas, ou entre vários centros turísticos, ou entre portões de entrada e os centros turísticos. Boullón (2002, p. 209).

os itinerários poderão ser executados mais facilmente, com uma boa infra-estrutura e uma aparência atrativa aos olhos do turista, facilitando dessa forma o trabalho do Guia de Turismo.

Existem roteiros que abrangem pontos muito próximos uns dos outros, e o trajeto pode ser feito a pé; por isso a necessidade do apoio das autoridades, para manter as ruas sempre limpas, tornando um caminho agradável para o turista percorrer. O bom desempenho do roteiro turístico histórico-cultural depende do trabalho em conjunto com as autoridades locais.

Ainda de acordo com Boullón (2002), os roteiros são de três tipos: i. De traslado, ii. Passeio em veículo e iii. Passeio a pé.

I. Os roteiros de traslado são aqueles que devem ser percorridos para vencer as distâncias mais longas, como as que separam os aeroportos, portos, terminais de ônibus e de trens, das zonas hoteleiras e destas as saídas que levam às rotas que chegam até os atrativos turísticos situados em seu raio de influência.

II. Os roteiros de passeio em veículo são aqueles que devem ser selecionados para compor o percurso de city tours.

III. E os roteiros para pedestres são os que conectam os atrativos turísticos próximos e definem os circuitos dentro dos bairros.

O roteiro turístico histórico-cultural deve ser encarado não apenas como uma atividade de lazer, mas como um meio privilegiado de colocar em contato diferentes pessoas com diferentes culturas, permitindo que desfrutem de uma nova história e uma nova cultura. Neste cenário, é interessante observar os vários significados que estão articulados pela atividade do turismo, uma atividade simbólica e econômica que envolve de modos distintos as experiências sociais dos vários e diferentes sujeitos envolvidos direta ou indiretamente.

O roteiro turístico histórico-cultural tem a finalidade de unir vários pontos antigos de um determinado local, despertando a memória e a cultura do povo que ali viveu. Através do roteiro, as pessoas conhecem um pouco mais da história e passam a valorizar mais o que antes era desconhecido, além de manter viva a história,

preservando a memória e a identidade do local, passando de geração para geração, através dos contos e da estrutura arquitetônica.

Desse modo, entende-se que o roteiro turístico histórico-cultural da cidade de Boa Vista, valoriza e resgata a história da cidade, que para muitos moradores é desconhecida, transmitindo aos turistas locais e aos próprios habitantes um pouco do que foi vivido pelos desbravadores que deram início a essa história.

4. Breve histórico da cidade de Boa Vista

O processo histórico de ocupação da cidade de Boa Vista tem início nos primórdios do século XIX, quando pequenas fazendas se estabeleceram às margens do rio Branco, que na época era a região mais habitada. De acordo com Luckmann (1989) o Forte São Joaquim e a introdução do gado nos lavrados do Rio Branco foram os principais fatores para o povoamento da região. Partes dos militares que migraram para esta localidade vieram para servir na fortaleza e aqui estabeleceram residências, juntamente com seus familiares.

Um exemplo disso foi o Capitão Inácio Lopes de Magalhães, que vindo do Ceará para comandar as tropas do Forte São Joaquim, em 1830, fundou a primeira fazenda particular de pecuária à margem direita do Rio Branco, cuja denominação dada foi Boa Vista e que, posteriormente, esse nome passou a ser o da capital do Rio Branco. Sua sede estava localizada onde atualmente funciona o Bar e Restaurante Meu Cantinho, de propriedade da família Figueiredo.

O crescimento do povoado motivou a elevação deste à categoria de Freguesia de Nossa Senhora do Carmo, que de acordo com Magalhães (1986) e Luckmann (1989) o então Governador do Amazonas, Augusto Ximeno de Villeroy assinou o Decreto Estadual número 49 no dia 9 de julho de 1890. No mesmo decreto a Freguesia foi elevada à categoria de Vila de Boa Vista do Rio Branco a qual está localizada acima das corredeiras do Bem Querer.

Para a criação da Vila de Boa Vista do Rio Branco, ainda de acordo com Magalhães (1986), houve o desmembramento do município de Moura, pertencente ao Amazonas. Sua população era composta por portugueses, brasileiros que migraram de outros Estados especialmente nordestinos, índios, mestiços e negros vindos da Guiana Inglesa (atualmente República Cooperativista da Guiana).

De acordo com Luckmann (1989), o município de Boa Vista foi instalado oficialmente em 25 de Julho de 1890, numa solenidade dirigida pelo Capitão Fábio Barreto Leite, representante do Governador do Estado do Amazonas. A partir daí, a cada dia a sede do município tomava forma de cidade, sendo que a maior concentração de casas situava-se em volta da atual Praça Barreto Leite, desde a margem do rio Branco até aproximadamente a esquina da avenida Jaime Brasil com a avenida Sebastião Diniz.

A cidade era tão pequena que dispunha de núcleos populacionais. Dentre eles, pode-se destacar: o Porto da Olaria, atualmente o bairro Francisco Caetano Filho (o Beiral); o Caxangá, localizado depois da ponte do mesmo nome próximo ao Porto da Olaria; a Praça da Bandeira onde, durante muitos anos abrigou alguns canhões que vieram do Forte São Joaquim, e em torno da qual ficava o quartel militar; o Bairro Rói Couro, atualmente Bairro de São Pedro; o Centro, onde ficava o prédio da Intendência e finalmente, o Bairro Calungá, onde se localizava a charqueada⁷.

De acordo com Magalhães (1986), a Avenida Jaime Brasil, hoje principal rua do comércio local, nos anos vinte, partindo da Rua Floriano Peixoto, dentre os poucos estabelecimentos comerciais, encontrava-se a "Filial" da Firma J. G. de Araújo⁸ - (onde mais tarde viria a ser a loja Bandeirante) onde também funcionou a loja Esquina do Rio, de propriedade da família Said Salomão; seguindo o mesmo quarteirão até rua Bento Brasil, na esquina localizava-se a casa de comércio do senhor Jorge Fraxe, a qual abastecia a cidade com produtos diversos, atualmente casa das Doze Portas. À direita, onde funcionou até bem pouco tempo o Banco HSBC Bamerindus e atualmente está à agência de Viagens MRTUR, era a residência e o bar de Domingos Abdala (mais tarde o "Vovô Abdala").

No quarteirão seguinte da avenida Jaime Brasil, existiu a loja e o famoso Cine Olímpia, (cuja chamada para o início da sessão era o hino do marinheiro), de propriedade do senhor Abraham Jorge Fraxe, no térreo. No piso superior ficava a residência da família. Do mesmo lado encontrava-se a Casa Júpiter, de propriedade do senhor Abraham Moisés Xaud; ao lado funcionava o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE; em seguida localizava-se a padaria da cidade de propriedade do senhor Felipe Xaud. No final dessa quadra, localizava-se a Casa Paraibana, a mais forte

⁷ Charqueada – Localidade onde era realizada a salga de carne e ficava fora do perímetro urbano no Bairro Calungá.

⁸ J. G. de Araújo - era a loja que vendia mercadorias trazidas de Manaus.

da época, e o escritório da Cia. de Charqueada, ambos pertencentes ao senhor João Pereira de Melo.

Do lado esquerdo da Avenida Jaime Brasil, na esquina com a Rua Bento Brasil, encontra-se o Moura Bar⁹, o qual foi construído em 1938 e é de propriedade da família Luitgards Moura. Ao lado, havia um terreno baldio onde mais tarde viria a funcionar a Câmara Municipal de Boa Vista, posteriormente o Banco de Roraima e hoje encontra-se a loja Boticário; ao lado da antiga Câmara Municipal funcionou a primeira agência do Banco do Brasil, no mesmo prédio posteriormente o escritório de contabilidade do senhor Jackson Villa. No piso superior funciona, até hoje, a Associação Comercial de Roraima. Ainda nessa rua, existia a casa comercial da dona Vidinha e ao lado, encontrava-se a casa de comércio do senhor Abdo. Todos esses estabelecimentos estavam localizados no prédio onde funcionava o Bar Thomé. Ali também, existiu um serviço de alto falante, o qual informava a sociedade sobre os acontecimentos da cidade, mandava recados e ofertava de músicas.

No meio da avenida Jaime Brasil existia uma pequena construção onde funcionava um bar denominado Quebra Galho; nesse local, muitos anos antes, foi assassinado o então Prefeito da cidade, Jaime Brasil, fato que entrou para a história de Roraima e nomeou a avenida que ainda hoje é a mais movimentada da cidade.

As casas situadas na Jaime Brasil eram, em sua maioria, de taipa ou de madeira. Raramente encontravam-se residências de alvenaria. A iluminação nos domicílios era feita com sebo de gado e óleo de mamona, produtos nativos, e/ou com querosene oriundo de Manaus.

Seguindo a avenida Jaime Brasil, na esquina da avenida Sebastião Diniz, foi construída, por volta de 1940, a residência do senhor Milton de Negreiro Miranda, que mais tarde foi adquirida pelo então governador Félix Valois de Araújo, a qual funcionou como casa oficial dos governadores do Território Federal do Rio Branco, até a inauguração do Palácio 31 de Março. Nesse local hoje funciona a Casa da Cultura Madre Leotária Zoller, que foi professora da Escola São José e do Ginásio Euclides da Cunha.

Atravessando a Rua Sebastião Diniz, ainda na esquina do mesmo lado, funcionou a Casa Comercial Hélcio Modas e na outra esquina, em frente a essa mesma

⁹ Era o único bar existente na cidade, neste local se reunia a sociedade roraimense para ouvir as notícias da voz da América. A juventude, principalmente os estudantes do Ginásio Euclides da Cunha, freqüentavam o local para saborear o sorvete e o picolé de frutas regionais.

loja o Bar White. Na parte superior desse bar, a banda territorial animava as batalhas de confete nos dias de carnaval; ao lado funcionou o Cine Boa Vista, bastante freqüentado pela sociedade roraimense da época; logo após ficava a residência e o Bar das Mangueiras, de propriedade da família da professora Maria das Neves Rezende, uma das primeiras educadoras de Roraima, onde atualmente funciona uma agência do Banco do Brasil; em seguida localizava-se a Casa Leão do senhor Leão Altino Pereira e na esquina ficava a residência da família Ribeiro. Seguindo a rua do lado esquerdo, as próximas construções eram a Casa Mido (loja de jóias), a Loja do senhor Milton Miranda, (uma ourivesaria¹⁰); a Rimpex, loja de bicicletas do senhor Ramiro Silva, a Drogaria Elivan e na esquina a casa do Senhor Aquilino Duarte, roraimense, governador do Território Federal do Rio Branco.

Ao final dessa avenida, ficava a vacaria do senhor Inácio Lopes de Magalhães onde muito mais tarde foi construído o Jardim de Infância Princesa Isabel, cuja primeira diretora foi Maria das Graças Souto Maior Lago dos Santos. Este prédio funciona Pré-Escolar até os dias atuais. Em frente a essa escola encontra-se a Praça Capitão Clóvis, em homenagem a um dos governadores do então Território Federal de Roraima.

Conforme Luckmann (1989), por decreto Lei nº 5.812 de 13 de setembro de 1943, o Presidente Getúlio Vargas transformou o município de Boa Vista em Território Federal do Rio Branco, e em 1944 foi empossado o primeiro governador (carioca), o Capitão Ene Garcez dos Reis. Esse governo foi responsável pela contratação do engenheiro civil Darcy Aleixo Derenusson, autor do Plano de Urbanização de Boa Vista, o que converteu essa cidade na terceira capital projetada do Brasil.

O responsável técnico pelo Plano de Urbanização da cidade acompanhou a execução das obras de infraestrutura na parte central do traçado da capital, dentre elas os esgotos sanitários e pluviais, o abastecimento d'água, a energia elétrica com sua rede de distribuição e código de obras. A cidade foi ocupada de acordo com o plano urbanístico aprovado em 1946.

Para oferecer uma melhor qualidade de vida aos habitantes desse núcleo urbano, o governo do Capitão Ene Garcez dos Reis executou as seguintes obras: Construção do cais de atracação às margens do Rio Branco, (o porto do cimento), único meio de comunicação entre Boa Vista e o Amazonas, hoje é o Pier (Orla Taumanann); construção de meios-fios, sarjetas e arruamento na Avenida Floriano Peixoto;

¹⁰ Comércio de jóias.

Elizabete Melo Nogueira, Geórgia Patrícia da Silva, Leila Márcia Ghedin, Emmanuely Souto Maior

Como resultado deste trabalho apresenta-se a seguir o roteiro turístico em Boa Vista (figura 1)

Legenda:

- 1 - Bar e restaurante Meu Cantinho
- 2 - Igreja Matriz
- 3 - Casa João XXIII
- 4 - Escolar São José
- 5 - Firma J. G. de Araújo
- 6 - Casa das Doze Portas
- 7 - Residência e Bar do Domingos Abdala
- 8 - Cine Olímpia
- 9 - Casa Júpiter
- 10 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- 11 - Padaria do senhor Felipe Xaud
- 12 - Casa Paraíba
- 13 - Maura Bar
- 14 - Câmara Municipal
- 15 - Bar Thomé
- 16 - Quebra Galho
- 17 - Casa da cultura Madre Leotávia Zaller
- 18 - Casa comercial Hélio Modas
- 19 - Bar White
- 20 - Cine Boa Vista
- 21 - Bar das Mangueiras
- 22 - Casa Leão
- 23 - Residência da família Ribeiro
- 24 - Casa Mido
- 25 - Ourivesaria Milton Miranda
- 26 - Rimpe X
- 27 - Drogeria Elivan
- 28 - Casa do senhor Aquilino Duarte
- 29 - Jardim de infância Princesa Isabel
- 30 - Praça Capitão Clóvis

Organização do Roteiro: Elizabete Nogueira, Janderson Gomes e Saula Oliveira

5. Considerações finais

O roteiro turístico histórico-cultural tem a finalidade de orientar os Guias de Turismo que atuam no Centro Histórico da Cidade de Boa Vista e, de estimular o conhecimento e a valorização da história e da cultura do povo boavistense, sendo esse uma alternativa para o turismo receptivo.

Nesse aspecto o roteiro histórico cultural realizado no centro histórico será um instrumento motivador para os habitantes da cidade que desconhecem a história local e, por conseguinte, não têm o hábito de frequentar os monumentos que contam a história de Boa Vista.

Durante a realização do trabalho, observou-se que os locais dedicados ao entretenimento são pouco frequentados pelos residentes da cidade, e que por essa razão, muitos prédios estão sendo depredados pela própria comunidade local. Nesse sentido o roteiro turístico histórico-cultural pretende auxiliar profissionais do turismo e professores a contarem a história da localidade de forma mais descontraída, através de um passeio pela cidade.

Esse roteiro turístico histórico-cultural pode ser utilizado por vários segmentos: turismo receptivo, turismo pedagógico, turismo terceira idade (melhor idade), turismo cultural, turismo científico. Sobre essa ótica, acredita-se que a comunidade local envolvida será responsável pela conservação do patrimônio histórico cultural da cidade.

Referências bibliográficas

ANDRADE, José Vicente. **Fundamentos e Dimensões do Turismo**. Belo horizonte: Ática, 8 ed, 1976.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do Espaço Turístico**. São Paulo: EDUSC, 2002.

CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia A. da (orgs). **Turismo: Espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 25-37.

DIMENSTEIN, Gilberto. **História de um Povo**. Folha de São Paulo: 31 de dezembro de 2003, caderno 2. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/colunas/gol311203.htm>

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 2000.

LUCKMANN, Donato. **História e Geografia do Município de Boa Vista**. Boa Vista: FECEC, 1989.

MAGALHÃES, Dorval. **Roraima, Informações Históricas**. Rio de Janeiro: Mapa, 1986.

MARTINS, Clerton. **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

MARTINS, Walfrido Neto, DIAS, Reinaldo. Patrimônio Cultural e Turismo: **A Festa do Catopê em Montes Claros-MG**. Qualit@s Revista Eletrônica, ISSN 16774280, vol. 9. nº 2, Montes Claros: 2010

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Turismo, Memória e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Roca, 2004.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri, **Turismo e Espaço** Rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1999.

YCARIN, Melgaço Barbosa. **História das Viagens e do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.